



O jornalista aproveita ao máximo o tempo com os seus familiares, incluindo os netos

por seguir sempre um trajecto de modéstia, por isso credível e demais apreciado pelo público leitor. Os directores que teve fizeram por isso e esse passado repercute-se hoje com Américo Natalino de Viveiros. Mais tarde, fundei o meu próprio jornal, o “Correio do Norte”, um quinzenário criado especialmente para atingir a população residente no norte da ilha de São Miguel. Foi um jornal local grátis para o leitor porque se bastava a si próprio com a publicidade que o alimentava. E também aí a escola continuou.

O Facebook trouxe as redes sociais que põem “no ar” pretensas notícias, que grande parte das vezes são “fake”, postadas por meninos impreparados por nunca terem tido capacidades de chegar às redacções. Entretêm-se a partilhar notícias que vão buscar aos média e lançam-nas a debate. Moderar grupos consoante os seus interesses ou áreas ideológicas e partidárias, excluindo violentamente intrusos que tenham ideias políticas diferentes, exercendo uma democracia ditatorial e fascinante nessas espécies de feudos, quando, na sua perene ingenuidade, pensarão que estarão a prestar um bom serviço à comunidade. Tristes sinais dos tempos!

Hoje, reformado da RTP, escrevo semanalmente para a Visão e para a imprensa regional, respectivamente para o Diário dos Açores e Diário Insular, nos Açores, Portuguese Times e Portuguese Tribune, nos Estados Unidos da América, e Voz de Portugal, no Canadá. Preciso desta ligação intrínseca com a imprensa que, apesar do distanciamento das redacções, nos persegue pela vida fora. As letras são a nossa libertação, o nosso distanciamento e apartamento, a nossa viagem necessária.

As viagens são uma parte importante da sua vida? Que viagens mais gostou de fazer e que outras sonha realizar?

As viagens dão-me vida. Sem elas sou ninguém. Ouso dizer que sou um nómada na sociedade moderna. O sedentarismo consome-me, quase me mata. A maior parte de nós deixa-se mergulhar na rotina dos dias vendo sempre as mesmas caras, os mesmos sorrisos – as posturas plásticas irritam-me – vivendo o sobrevivendo à penumbra dos dias entre ruas e praças cinzentas, sempre as mesmas, é entediante. O mundo está aí para o conhecermos e esse é o património inestimável, o que nos faz sermos verdadeiramente universais. Esse é o horizonte que todos devemos querer conquistar. É aí, noutras línguas, noutras raças, noutras culturas – todos diferentes, todos iguais – que devemos ir buscar referências, copiar exemplos, beber ideias para as trazermos para o nosso país e para a nossa região. Só assim é possível aguentar esta insularidade às vezes cansativa, que, como a onda do mar, bate teimosamente na rocha, nos fustiga e nos abate.

Já viajei por vários países, não lhe podendo responder de concreto qual o que mais gostei. Adorei o

Brasil e o sul na terra dos nossos irmãos catarinenses, tanto que escrevi um livro sobre essa corajosa emigração de açorianos para Santa Catarina, acontecida a partir de 1748, que intitulei de “Dos Vulcões ao Desterro”. Gostei também muito da Hungria. Tenho uma crónica no meu primeiro livro “Fragmentos entre dois Continentes” escrita em Budapeste, cidade monumental e cheia de história. A Suíça fez-me lembrar os Açores, mais precisamente São Miguel, com o seu verde a ser derramado montanhas abaixo. Nova Iorque é a cidade das cidades. Já lá estive duas vezes, mas também gosto muito de Boston onde vivi muito próximo, em Cambridge. Adorei Roma, Londres, Paris, Madrid, subi num transatlântico aos fiordes da Noruega até onde o sol nunca se põe e às vezes se pinta de azul e verde. Viajar faz, fará sempre, parte do meu ADN.

Sou piloto de aviões de recreio e tenho a sorte de ter adquirido o meu próprio avião, um Pioneer 200, um avião de asa baixa semi-acrobático, que me leva onde eu quero. Praticar a aviação é conhecer mais do que os que não vivem a terceira dimensão, é ver o horizonte em baixo e furar as nuvens que já conheceram outras longitudes da Terra, é sermos iguais aos pássaros, é sermos viajantes permanentes por opção.

Que relação estabelece diariamente e actualmente com a sua família? Sente que hoje tem mais tempo para lhe disponibilizar?

Tenho o tempo que eles têm. Às vezes eles têm nenhum. Eu também. Os pais trabalham, os filhos vão para as escolas, têm actividades extra curriculares aos fins-de-semana, depois querem ter os seus momentos a sós, o que é perfeitamente natural, compreensível e aceitável. Quando não compreendemos isso é porque nos esquecemos o que foi o nosso passado de filhos e de trabalhadores. Mas quando podemos estar juntos, e fazemos por que isso aconteça sempre que nos é possível, dá-se a celebração. E quando nos revemos, mesmo passadas semanas, é como se nos tivéssemos visto de véspera, ou há uma hora atrás. Quando se gosta, o espaço e o tempo têm um valor relativo, quase nulo. Os olhos não vêem, mas o coração familiar bate forte, sente fortemente e torna o ausente presente. Quando se é família, temos sempre os nossos dentro do nosso peito.

E os amigos que lugar têm na sua vivência diária? Relaciona-se com os seus amigos com maior frequência nos dias de hoje ou quando era mais jovem?

Todos nos relacionávamos mais com os amigos quando éramos mais novos. Não se lembra das suas festas de anos? Nas minhas, às vezes tinha 30 amigos e a minha saudosa mãe desesperava, mas convidava todos quantos eu lhe podia. Quando se é jovem, há muito mais tempo para as amizades. Todo o dia é

um jogo de futebol, de vôlei, de aniversário. Até as aulas são às vezes momentos de muita alegria porque o saber nunca ocupa lugar.

A maneira que a idade vai avançando, vamos filtrando as amizades que mais nos disseram no passado e fazendo novos amigos nas profissões que abraçamos. Aí, vamos-nos encontrando periodicamente em almoços nos restaurantes por aqui e por ali e nas nossas próprias casas.

As redes sociais também nos vão trazendo amigos reais, hoje na virtualidade de um telemóvel ou de um ipad, mas isso é bom. Estreita-nos face à distância e ao tempo. Sabemos que ele ou ela, virtuais, estão ali, apesar de não nos vermos no dia-a-dia real, porque a vida não nos permite. Tenho milhares de amigos no Facebook e todos os dias alguém me pede uma nova amizade. Não aceito todos porque dou prioridades, mas fico feliz pelos que tenho.

Como é a sua relação com a internet? Usa-a apenas para o trabalho ou como forma de lazer também? Esta relação foi evoluindo ao longo dos tempos?

A internet é o nosso dia-a-dia, é o pão que nos alimenta o saber e que nos garante a comunicação rápida. Todos, ou quase todos, ligamo-nos a ela como um bebé está ligado à sua mãe pelo cordão umbilical. Ela, a internet, é o cordão umbilical do mundo de hoje e já muito poucos conseguem viver sem ela. Utilizo-a em pesquisas. Hoje já não vou a bibliotecas para saber mais, ou vou muito raramente. Através do Google, mergulhamos no passado, visitamos o presente e conseguimos perspectivar o nosso futuro e muitas vezes aquele dos que nos rodeiam. Utilizo-a também para comunicar pela caixa de emails, dos blogs ou dos sites. Envio as minhas crónicas semanais para a Visão e jornais regionais e da diáspora por email. Veja como nos veio facilitar o trabalho a vinda da internet para as redacções e para as nossas casas! A internet, quando bem utilizada, é a nova maravilha do século. Estreita laços, países e continentes. Quando mal utilizada, de tão poderosa, provoca conflitos até entre potências como este que está agora a acontecer entre russos e americanos, quando até fábricas de notícias falsas são criadas pelos governos de Putin com programadores que são “hackers” a fazerem implodir países que lhe são interessantes do ponto de vista estratégico, como aconteceu recentemente com o caso da Ucrânia, entre outros.

De que forma se relaciona com os seus filhos e netos? Como procura acompanhar o crescimento de ambos com uma maior proximidade?

Sempre que posso, junto-me a eles e mostro-lhes o meu lado informal - formalismos não cabem num ambiente familiar saudável, do meu ponto de vista.

Tento inculcir-lhes os valores que guardo em

mim para que sejam, no mínimo, melhores do que eu fui, sou e serei. Os meus defeitos guardo-os no baú do esquecimento pois jamais precisarão deles. Amo os meus mais do que a mim mesmo, se bem que tenha muito amor próprio, e quero-lhes o maior bem que se pode querer a um ser humano.

Temos um canal interno no “whatsapp” para nos irmos familiarmente actualizando face ao que se vai passando com um ou com outro e onde gravamos momentos felizes incluindo as façanhas dos netos. Tenho registos desde os seus primeiros passos, desde que começaram a nadar sem braçadeiras, das descidas vertiginosas em escorregas, das cambalhotas a descerem as pastagens de lá do prédio, dos primeiros pontapés nas bolas, das aulas de surf, de tudo quanto lhes é importante. Cá está novamente a internet a estreitar distâncias e a aproximar famílias e corações.

Como caracteriza o seu modo de vestir nos dias de hoje e na época em que estudava e que começou a trabalhar, por exemplo?

Visto-me normalmente, mas confesso que só me sinto verdadeiramente confortável, seja de verão ou de inverno, usando calças de ganga.

Quando tenho que ir a momentos mais formais, uso um “blazer” geralmente de cor diferente das calças, que de inverno faço por serem de veludo e de verão em “bombazine”. E naqueles momentos ainda mais formais, uso fato e gravata. Independentemente da qualidade da indumentária, gosto de parecer bem.

O meu pai dizia-me que “quando vais, ou vais bem ou não vais!” E, como sempre, tinha toda a razão.

Como caracteriza a sua alimentação actualmente? Acha que esta tem mudado ao longo dos tempos tendo em conta a modernização que a própria alimentação tem sofrido?

Tento por fazer uma boa alimentação praticando a dieta “paleo”, à base de produtos frescos, sem glúten e lacticínios. Pão é um alimento que adoro mas que, feliz ou infelizmente, não como, salvo em raras excepções.

Nesta dieta não se come hidratos de carbono nem açúcar e está-se em jejum durante toda a manhã, almoça-se pouco, às vezes uma sopa e uma maçã, e janta-se uma salada com carne de frango ou peixe. O legume está sempre presente e a água também. É importante beber muita água.

Faz-se muito exercício físico. Chego a fazer caminhadas de 10 e até às vezes de 20 quilómetros diários. Perde-se muito peso a andar e ganha-se muita saúde. Pesamo-nos todos os dias, porque a pesagem é também psicológica. É importante ter sempre uma balança digital em casa. Se não formos nós a cuidar do nosso físico e da nossa saúde, quem o fará?

Patrícia Carreiro